

REVISTA DE EDUCAÇÃO

S. PAULO — BRASIL
 MARÇO E JUNHO

Vols. XIII E XIV

1936

Nos. 13 E 14

SUMMARIO

	PAG.
Francisco de Salles Oliveira — A Evolução do Ensino	3
Juvenal Paiva Pereira — Problemas do Professor	26
Luiz Gonzaga Fleury — O Ensino da Teboda no 2.º anno	38
Hortencia Pereira Barreto — Educação Pre-Escolar	43
A. F. Cesarino Junior — Como ensinamos Historia	52
Antonio Azambuja Junior — O plano Dalton na Escola "Manoel Bomfim"	61
Carmen Scigliano — Escola para Crianças Hospitalizadas	71
Luiz Gonzaga Fleury — Summula de Logica Classica	80
Francisco E. de Aquino Leite — Língua Brasileira	92
Maria Antonieta de Castro — Peso e altura de Esc. Paulistas	96
Francisco Alves Brisolla — Reprovações: — Sua Origem e Causas	115
Directoria do Ensino — Circulares, 121. — Paroeceres offi- cials, 127. — Officios, 147.	
Factos e Inicativas — Pagina de Gloria. — Systema Edu- cativo Rural, 150. — Representação de S. Paulo na 2.ª Exposição Nacional de Organização e Estatistica Educa- cionaes, 152. — A "Semana de Estudos" no Instituto de Educação, 154. — Universidade de S. Paulo — Faculdade de Philosophia, Sciencias e Letras, 166. — Boletina da Dire- ctoria do Ensino, 169. — Ruralismo no Bairro de Serrote, 170. — Cooperação entre o Instituto de Educação e a Di- rectoria do Ensino, 173. — G. E. do Bosque da Saude, 174. — G. E. "Santo Antonio do Pary", 174. — Outros Grupos Escolares em construcção no interior do Estado, 176. — G. E. Rural de Batataes, 176. — Escola Rural do sitio da Sau- dade, 177. — A Grande Exposição Industrial e Artistica das Escolas Profissionais do Estado de S. Paulo, 177. — Comunicados da Directoria Geral de Informaçoes, Esta- tistica e Divulgação do Ministerio da Educação e Saude Publica, 180. — Comunicados da Associação Brasileira de Educação, 183. — Relatorio da visita realizada pelos alunos do 2.º anno do Curso de Administração Escolar do Instituto de Educação, em companhia do Prof. Roldão de Barros, á "Escola Rural da Saudade", em Cotia, 190. — Inspectoria de Hygiene Escolar e Educação Sanitaria, 193. — Inspectoria de Hygiene e Assistencia Dentaria, 195	
Legislação Escolar	196
J. B. Damasco Penna — Bibliographia	205
Através de Revistas — As Economias na Instrueção Publica (A. Nieto Caballero), 221. — A Renovação da Escola Pri- maria de S. Paulo (Noemy da Silveira Rudolfer), 226. — A Concepção da Escola Activa no Dominio da Coope- ração (Bartholomeu dos Reis), 231. — Methodologia do Ensino Primario (Isah Teixeira Martini), 235. — O Enigma dos Destinos Nacionaes (Mario Pinto Serva), 241. — A Formação da Personalidade (Garcia Domn- gues), 243. — O Ensino Rural (Prof. Fernando Leite), 245. — O Aperfeiçoamento Individual e Collectivo, (Mario Pinto Serva), 246.	

S. PAULO — BRASIL

LUIZ GONZAGA FLEURY
 Chefe do Serviço de Educação Primária
 do Directorio de Ensino.

Queixam-se professores de que a "Revista de Educação" tem aspecto quasi exclusivamente theorico e opinam que deveria, pelo contrario, ter-o quasi exclusivamente pratico.

Não deixam de ter razão taes professores. Um dos preceitos didacticos mais legitimos é o que diz — "theoria pouca, exercicios muitos". Transferido para a orientação do ensino, esse principio poderia tomar a forma — "theoria, a indispensavel; exposições vivas de methodos e processos de ensino applicados, muitas".

De nossa parte, pensamos que a "Revista de Educação" deveria conceder equal attenção, assim a assumptos theoreticos e doutrinaes, como a questões de ordem pratica, de applicação immediata.

A doutrina é sempre indispensavel para a orientação superior do espirito. Ella previne a mechanização, a estreiteza da rotina, provendo a intelligencia de directrizes e vistas amplas.

Mas, isso posto, cremos indispensaveis, como suggestões concretas, a apresentação de planos de aula e as exposições de methodos e processos, por assim dizer, em acção, que mostrem objectivamente não apenas o que se deve fazer, mas como se faz.

E' porisso que vamos apresentar aqui, em summula, o processo que adoptavamos em classes de 2.º anno, para conseguir que nossos alumnos aprendessem sem difficuldade e com segurança, rapidez e prazer a taboada de multiplicar — que é a unica que precisa ser memorizada.

Já estamos a ver o arrepio de horror pedagogico de não poucos professores, mais ou menos intransigentes em questões didacticas, que exclamarão: Pois ainda se vem falar de ensino e memorização de taboada, numa época em que se preconizam os methodos globaes, a aprendizagem motivada, espontanea e activa?

Concordando em que ha razões muito legitimas para essa estranheza, nem por isso deixaremos de expôr o processo que adoptavamos para ensinar e fazer memorizar a taboada em taes especies, affim de acabar por uma vez com as difficuldades embaraçantes que provêm, para o ensino da arithmetica, do facto de os alumnos não estarem aptos para jogar rapidamente com a taboada.

Em arithmetica, pelo menos, os methodos globaes não offercem oportunidades sufficientes para exercicios reiterados, para a aquisição de technicas que convem serem dominadas desde logo e perfeitamente. Isto, aliás, é lobrigavel mesmo "a-priori". E já não são poucos os modernos didactas que o reconhecem expressamente e que recommendam o emprego de exercicios formaes na escola (e não apenas em arithmetica) para supprir as deficiencias inherentes á globalização.

"Não devem ser descuidados e menos ainda supprimidos os trabalhos e exercicios que, faltos embora de interesse, são indispensaveis para adquirir facilidade e pratica ou formar certos habitos e attitudes mentaes exigidos por todo trabalho de boa qualidade" — como declara Aguayo.

Feitas estas considerações que se nos afiguraram necessarias, entramos no assumpto principal deste trabalho.

Em geral, os alumnos passam do 1.º para o 2.º anno conhecendo as cassas da taboada de multiplicar do 2, do 3, do 4 e do 5.

Assim, iniciavamos o ensino da taboada em 2.º anno por uma verificação do adiantamento dos alumnos, proseguindo-o a começar por aquella cass em que elles revolavam insegurança. Digamos a do 4.

Como nem todas as crianças comprehendiam claramente a significação do signal de multiplicar, o que, aliás, era raro acontecer, faziamos a explicação com variados exercicios concretos, como se verá, em resumo abaixo.

1.ª Aula (Explicação da cass do 4)

$$\begin{array}{l}
 4 \times 4 = 4 + 4 + 4 + 4 = 16 \\
 4 \times 5 = 5 + 5 + 5 + 5 = 20 \text{ ou } 5 \times 4 = 4 + 4 + 4 + 4 + 4 = \dots 20 \\
 4 \times 6 = 6 + 6 \dots = 24 \text{ ou } 6 \times 4 = 4 + 4 + 4 + 4 + 4 = \dots 24 \\
 4 \times 7 = \dots = 28 \text{ ou } 7 \times 4 = \dots = 28 \\
 4 \times 8 = \dots = 32 \text{ ou } 8 \times 4 = \dots = 32 \\
 4 \times 9 = \dots = 36 \text{ ou } 9 \times 4 = \dots = 36
 \end{array}$$

Para memorizar em casa:

$$\begin{array}{lll}
 4 \times 4 = 16 & 4 \times 6 = 24 & 4 \times 8 = 32 \\
 4 \times 5 = 20 & 4 \times 7 = 28 & 4 \times 9 = 36
 \end{array}$$

2.ª Aula (Chamada dos alumnos)

No quadro negro, dois grandes desenhos de cavallos a toda brida, e, convenientemente distribuidos por elles, nos estribos, na sella, etc., as operações da taboada do 4, salteadas, de $4 \times 4 = \dots$ a $4 \times 9 = \dots$

Eram chamados os alumnos dois a dois para apostar corrida... Cada um recebia um giz para escrever o mais rapidamente que pudesse, dado o signal de partida, os resultados das operações. Errar era *cahir do cavallo*... Concluir o trabalho com acerto e em primeiro logar era *ganhar a corrida* e ter a maior nota. Acertar todos os productos, mas perdendo a corrida, era ter um ponto menos na nota. Cada *tombo* (erro) equivalia á perda de 2 pontos e só se toleravam dois tombos. No terceiro, que não se verificava senão rarissimamente, o alumno teria de voltar para a sua carteira com nota baixa. E' evidente que nenhuma das crianças queria *fazer feio*.

A forma do *jogo*, sob que era feita a tomada da lição, interessava-as tão vivamente que muitas tremiam, ansiosas pela sua vez de serem chamadas.

Separando os desenhos dos cavallos, havia um anteparo — um porta-mappas, coberto com um panno.

Os cavallos eram desenhados de vespera e fazia-se, então, um ensaio de corrida entre bons alumnos, para animar os demais.

Os professores que não tiverem habilidade em desenho poderão usar do auxilio de um collega, ou adoptar desenhos *faceis*, como linhas quebradas em escada ou mesmo esboços de escadas para serem *subidas sem queda*, etc.

3.ª Aula (Explicação)

$$\begin{array}{l} 5 \times 5 = 5 + 5 + 5 + 5 + 5 = 25 \\ 5 \times 6 = 6 + 6, \text{ etc.} \dots = 30 \text{ ou } 6 \times 5 = 5 + 5 + 5 + 5 + 5 = 30 \\ 5 \times 7 = \dots = 35 \text{ ou } 7 \times 5 = \dots = 35 \\ 5 \times 8 = \dots = 40 \text{ ou } 8 \times 5 = \dots \text{ Etc.} \\ 5 \times 9 = \dots = 45 \text{ ou } 9 \times 5 = \dots \end{array}$$

Para memorizar em casa :

$$5 \times 5 = 25$$

$$5 \times 9 = 45$$

4.ª Aula

Chamada pelo mesmo processo anterior, mas com a substituição dos desenhos de cavallos por desenhos de *automoveis*, afim de se offerecer um aspecto novo ao interesse infantil.

5.ª Aula

$$\begin{array}{l} 6 \times 6 = 6 + 6 + 6 + 6 + 6 + 6 = 36 \\ 6 \times 7 = 7 + 7 + 7 + 7 + 7 + 7 = 42 \text{ ou } 7 \times 6 = 6 + 6 + 6 + 6 + 6 + 6 = 42 \\ 6 \times 8 = \dots \dots \dots 8 \times 6 \dots \dots \dots = 48 \\ 6 \times 9 = \dots \dots \dots 9 \times 6 \dots \dots \dots = 54 \end{array}$$

Para memorizar, a taboada do dia, de 6×6 a 6×9

6.ª Aula

Chamada pelo mesmo processo, com desenhos de *aeroplanos*.

7.ª Aula

As taboadas do 7, do 8 e do 9, explicadas pelo processo anterior, mas somente de 7×7 a 7×9 , de 8×8 a 8×9 e o 9×9 , sendo dado para memorizar em casa o seguinte:

$$\begin{array}{l} 7 \times 7 = 49 \qquad 8 \times 8 = 64 \qquad 9 \times 9 = 81. \\ 7 \times 8 = 56 \qquad 8 \times 9 = 72 \\ 7 \times 9 = 63 \end{array}$$

O leitor já percebeu, naturalmente, que as casas da taboada a memorizar vão cada vez contendo menor numero de operações.

As casas mais difficeis (do 7, 8 e 9) ficam reduzidas a quasi nada. Satisfeitos, os alumnos comprehendiam que, de facto, já sabiam as operações que não appareciam no que deviam memorizar, porque "a ordem dos factores não altera o producto", ou, como elles diziam, porque "tanto faz multiplicar um numero por outro como de *trás p'ra diante*".

A chamada — 8.ª Aula — era feita com desenhos de *leões*. Quem lutaria e venceria primeiro o *leão*, rei dos animaes?

Os exercicios arithmeticos diarios garantiam a fixação dos resultados do ensino da taboada, assim feito. Restava explicar, somente, *com exemplos concretos*, que todo numero multiplicado por zero dá zero, que todo numero multiplicado pela unidade não se altera e que para multiplicar um numero por 10 basta acrescentar-lhe zero á direita.

de se adaptar rapidamente com a maior facilidade, de ser com um pouco mais de uma semana, vendida, das pequenas salinas e com prazer intenso, toda a taboada de meliponês.

Chagaram até a sentir pena de não haver mais covilhas de alibani e a pedir que fossem feitas de novo...

Compare-se o processo exposto com o dos antigos tempos da palmatória em que se dava de uma só vez toda a taboada a desmoronar-se ali dia, de casa de 2 à de 121.

Manda o dever de humildade dizer que o processo de que esperamos muito com os mais positivos resultados não produz os mesmos efeitos com todos os professores, como pudemos verificar quando, dirigindo um grupo escolar do interior, fizemos adoptar no estabelecimento.

Nem todos os professores conseguem comunicar-lhe igual intensidade de vida, e o interesse da criança evapora-se...

Tanto é certo que a personalidade do mestre é que põe alive nos métodos e processos de ensino... e que só lhe é possível animar os métodos e processos que se adaptam à sua lógica psicológica...

Assim, os métodos e processos de ensino devem se adaptar, por um lado, à psicologia das crianças, e, por outro, à psicologia dos mestres.

Mas geralmente nos esquecemos de que também a psicologia do mestre é uma realidade iniludível, que é inútil pretender fugir.

EDUCAÇÃO PRE-ESCOLAR (*)

MORTENCIA FERREIRA BARRETO

Inspectora de Juntas de Instrução do Instituto de Educação.

EVOLUÇÃO SOCIAL, NO BRASIL, E SEUS FACTORES BÁSICOS.

A evolução social, no Brasil, só se fará equilibradamente dentro do rythmo da vida contemporânea, com o concurso de tres factores basicos: saneamento — colonização — educação.

O immenso territorio patrio, acosa com suas riquezas naturaes e a fertilidade de seu solo, aos paizes superlotados e empobrecidos pela guerra.

Mas... aggressiva, espera o immigrante, desaxinado e alheio, a Natureza bruta!

A lucta é aspera e difficil!

O homem succumbe, se a hygiene não o acode com seus recursos.

Desorienta-se, se a escola não lhe estende a mão.

Sanear, pois, para colonizar.

Educar, para valorizar o elemento humano.

PHENOMENOS MESOLOGICOS E RAÇA EM FORMAÇÃO

Tem musculatura de ferro e aparelho digestivo de aço a raça que se fórma no Brasil.

Os povoadores do solo brasileiro são os sobreviventes das luctas dramaticas entre a infancia e o abandono.

Quer nas zonas sertanejas, onde, no solo de populações esquecidas, raramente conseguem viver; quer nas zonas rurais, esparsas pelas lavouras, crescendo no convívio com os animais, sem assistencia de ninguém; quer nas bellas vilas do littoral, formando o exercito esqualido, que Humberto de Campos lhe

(*) Trabalho apresentado à VI Conferência Nacional de Educação.

16.º — divisão, em *classes vizinhas*, de valores eguaes a limites de classe;

17.º — boa *distribuição de frequencia*, para cada idade, bem como para a geral em suas representações graphicas: *symetricas* ou *moderadamente asymetricas*;

18.º — boa *collocação de médias*, segundo os casos referidos: no centro de symetria ou sobre a parte do declive maior da curva;

Quanto á evolução do peso e altura:

19.º — as *differenças inter-annuaes* entre as médias de altura e peso, respectivamente, por idade, obedecem aos caracteristicos de estudos já feitos por technicos que nos precederam;

Quanto aos estudos comparativos:

20.º — em sua comparação com os dados estatisticos estrangeiros, é de se notar a boa collocação das curvas S. A. P. entre as mesmas, bem como "a marcha gradual, uniforme, sempre crescente, em quantidades equivalentes, de anno para anno, que augmentam nos periodos de grande desenvolvimento, porém não representam, jamais, linhas demasiado rapidas".

E, se, como conclue SIDNEY PEREIRA LESER, em sua brilhante these "Contribuição para o estudo dos methodos estatisticos applicados á medicina e á hygiens", que: "não é possível a obtenção de bons resultados se não houver, como base, dados colhidos obedecendo a todos os requisitos exigidos", acreditamos que nossos resultados são bons, porque, desde a colheita de seus dados, até a analyse final dos mesmos, predominou, sempre a maior honestidade e a melhor vontade de acertar.

Damo-nos, portanto, por bem pagas pelo trabalho que tivemos, com mais esta contribuição para o estudo do escolar, sob seu aspecto physico, em S. Paulo.

CONCLUSÕES

1 — Os dados que constituem a base das tabellas S. A. P. foram colhidos sob todos os requisitos exigidos.

2 — O seu tratamento estatistico obedeceu ás regras da statistica.

3 — Dentro de taes premissas, acreditamos que as tabellas S. A. P. não podem deixar de ser a expressão, a mais exacta possível, das médias de pesos e alturas, para os escolares de 7 a 14 annos, normaes, de S. Paulo.

REPROVAÇÕES:—SUA ORIGEM E CAUSAS. (*)

FRANCISCO ALVES BRISOLLA

Director do 1.º Grupo Escolar de Baurá.

1 — RESTRICÇÃO DE AUCTORIDADE AO PROFESSOR NA REPRESSÃO QUE DEVE SER APPLICADA AO ALUMNO DESCUIDADO.

A incuria e o desinteresse de certos paes pela sorte dos filhos, quando escolares, são, em regra, factores importantes que concorrem seriamente para a existencia das reprovações.

Pois, se ha paes que não concitam os filhos ao estudo; se ha os que lhes não fornecem o material de que necessitam; se existem os que nem cuidam de conhecer o grau de saber dos filhos, claro é que são tambem dos que não se importam sequer com a sua educação, em se tratando de respeito, atenções e reconhecimento, mesmo que rudimentar, das obrigações e responsabilidades individuais.

Seria util que o professor pudesse conduzir o alumno ao cumprimento de seus deveres por meios outros, após esgotados os suosorios. Não se pretende, com isto, prégear a violencia, mas, apenas considerar de todo conveniente o uso de medidas energicas para compellir o alumno a mudar de róta.

2 — FACILIDADE EXTREMA EXISTENTE NA CONCESSÃO DE LICENÇA A PROFESSORES EFFECTIVOS OU NÃO, POREM AOS QUAES ESTÁ CONFIADA A REGENCIA DE CLASSES.

É commum vêr-se professores sadios a fazer estações de repouso exactamente na época de periodos lectivos em que deve ser verificada a consolidação do ensino dispensado durante mezes á classe em que trabalham, onde procuram instrução, cerca de 35 a 40 petizes. Esses funcionarios, geralmente, são

(*) Suggestões motivadas por Circular da Directoria do Ensino.

substituídos por neophytos no mistér, os quizes, as mais das vezes, por não serem os donos da classe, della se desinteressam. E ainda bem que só isso succede, pois, quantas vezes são os substitutos também gravemente atacados do mal tremendo da incompetencia!...

Percebe-se claramente seja esse um dos males motivadores das reprovações. As licenças, portanto, apenas a quem, de facto se ache docente, é que devem ser concedidas.

3 — IMPOSSIBILIDADE DA REMOÇÃO DE PROFESSORES QUE SE NÃO SUBMETTEM ÀS CONTINGÊNCIAS E NECESSIDADES DO ENSINO CONFORME E DE ACCÓRDO COM AS EXIGÊNCIAS DA EVOLUÇÃO ACTUAL DA NOSSA SOCIEDADE E, TAMBÉM, IMPOSSIBILIDADE DA DISPENSA DE SUBSTITUTOS INTERINOS QUE SE REVELEM INCAPAZES.

Infelizmente é, em regra, o que se observa na pratica: professores ha que não são dotados do poder disciplinador, porque se não sabem impôr; outros, por motivos vários, taes como os consequentes do meio ambiente, sentem-se mal no contacto em que são postos com determinados meios sociaes; outros, e os ha em abundancia, fizeram-se puros retardarios. Mas, peor ainda é o caso das interinidades por decretos, concedidas a pessoas destituídas de conhecimentos os mais simples, as quaes permanecem no cargo desmerecendo-o, desvirtuando-o. Em ambos os casos a febre das reprovações é mal sem cura, porquanto só teria cura com a remoção no primeiro caso e, com a dispensa, no segundo.

4 — SOBRECARGA DE TRABALHOS EXTRANHOS AOS DIRECTORES E DESÍDIA DE MUITOS.

São também razões fortes que, como consequencia, trazem augmento de reprovações. Muitos directores têm a pesada incumbencia de auxiliarem na fiscalização de escolas isoladas urbanas e rurais. Não lhes resta tempo necessario para actuarem convenientemente na direcção e, mesmo por isso, na fiscalização prudente da vida escolar, dando, então, oportunidade para o commettimento de pequeninos abusos nocivos ao bom andamento do ensino. E qual não será então o mal causado, quando se verifique a segunda hypothese, quasi sempre constatada por occasião de sahidas indevidas dos directores, dadas exactamente na hora do expediente...

A permanencia ininterrupta dos directores em seus postos, nas horas do expediente, é um dever sagrado que jamais deve ser esquecido por aquelles que pugnam pela efficiencia do ensino.

5 — NECESSIDADE DA SELECÇÃO DOS ALUNOS NA EPOCA DA MATRICULA INICIAL COM APLICACÃO DOS TESTES A. B. C.

O systema subjectivo de selecção se tem patenteado insufficiente. Não só conduz a enganoso, como também facilita a pratica de esperterzas por aquelles que queiram colher proveitos vantajosos no actual systema de classificações para promoção e remoção. Um grupo escolar que possua de 8 a 10 classes de 1.º anno, ao director, exactamente quando as classes em geral estão em organização, não lhe é possível proceder a uma verificação perfeita da organização das classes novas, cujas secções A, B e C ficam, na organização, ao inteiro criterio do professor. Este, á secção que deverá ser A, dar-lhe-á a denominação de B e, a esta a de C, á que deverá ser nomeada A, nomeal-a-á C... Assim, ao fim do prazo fixado, reunidas as secções, veriamos, na hypothese, o absurdo de as classes fracas se acharem consideradas médias; de as médias serem havidas por fortes e estas, na conta de fracas.

Parece-nos, para que evitemos taes riscos e surpresas, de util conveniencia proceder á applicação e adopção dos testes A. B. C. na selecção dos alumnos.

É o systema melhor applicavel no nosso meio e que mais se recommenda á actividade e perspicacia da nossa infancia.

6 — REAJUSTAMENTO DOS ALUNOS DE 2.º, 3.º, e 4.º ANNOS, NO 1.º MEZ LECTIVO.

Somos de opinião que esse uso não é dos melhores nem dos mais acertados. A experiencia nos ensinára, em quatro annos consecutivos de direcção de um estabelecimento formado de 30 classes, que a selecção dos alumnos de 1.º Anno pelos testes A. B. C, nos permite reajustemos as classes de 2.º, 3.º e 4.º annos, tornando-se quasi que bem homogeneas, comparando os resultados alcançados nos exames escriptos parciaes, de Setembro, com os dos exames finais realizados em Novembro.

Esta comparação tem dado resultados satisfactorios neste grupo escolar, onde os proprios professores são os primeiros

a reconhecer-lhe a efficacia, pois, os que têm a sorte de receber classes fortes, vêm-nas que progridem de facto; os que recebem as médias, dellas nem se queixam nem se vangloriam; e, os que recebem as fracas, têm um clamar que não cessa.

7 — ORGANIZAÇÃO DE GRAPHICOS.

Não se diga que sua falta seja causa das reprovações, que vimos commentando.

Os graphicos de verificação do aproveitamento são, não se pôde negar, optimos auxiliares da fiscalização: denunciam as falhas e apontam as vantagens obtidas no trabalho proveitoso. As curvas, na sua mudez, falam alto.

De mez a mez, de trimestre a trimestre, elles são apresentados aos adjunctos, apontando-lhes as suas vantagens ou desvantagens ganhas em qualquer desses periodos. A comparação dos anteriores com seus posteriores contam-lhes, aos adjunctos, das necessidades que têm de melhorar seus methodos para que se colloquem entre os que se encontram em planos merecedores de elogios. Se acaso, num mez, o numero de fortes e o de médios decresem, avantajando-se o dos fracos, ahí o director com o professor estudam a questão afim de que conheçam os motivos que deram como resultado o prejuizo. É essa fiscalização muda que obriga o director a procurar ter conhecimento do criterio adoptado pelo professor na classificação dos trabalhos dos alumnos, dando-lhes notas.

Outra vantagem que decorre dos graphicos é a que consiste na denuncia das possibilidades de promoção de classe por classe. Dessa observação resulta o director ficar conhecendo as classes que exigem seus maiores cuidados.

8 — PROMOÇÕES EM JUNHO.

Apezar de não sermos inteiramente adeptos das promoções em meio de anno lectivo, achamos, no entretanto, serem ellas possíveis em casos excepcionaes. Admittindo-se haja casos taes em 1.º anno, somos de opinião que os candidatos sejam submettidos a rigoroso exame nas materias seguintes: linguagem, leitura e calculo; e que a mesa examinadora tenha por presidente o inspector e, por examinadores o director e um dos professores de 2.º anno. Crendo-se que taes promoções possam ser verificadas nas classes de 2.º para 3.º e desta para a de 4.º anno, aconselhamos que, durante tres dias, fiquem os alumnos em observação, pois só assim evitaremos danos áquelles que regem classes de 3.º e de 4.º annos.

9 — DA MATRICULA INICIAL EM 1.º ANNO.

Somos dos que pensam que, nesta matricula, devem ser preferidos os mais edosos, sendo os alumnos recebidos na ordem natural descendente das idades, obedecida rigorosamente a ordem chronologica.

10 — METHODO DE PROJECTOS.

Creemos devesse ser creado uma classe especial de ensaios de methodo de projectos, tornando-se elle objecto util de estudos e praticas áquelles que o quizessem adoptar, não com o caracter de experiencia, porém, com a feição segura que deve predominar em espirito já dono e senhor da questão. Pensamos que não seria de mau aviso desse os technicos no assumpto suas valiosas instrucções aos Delegados Regionaes que, por sua vez, as applicariam nas suas respectivas Regiões.

11 — BIBLIOTHECAS INFANTIS.

Para que se organize e afim de melhorar as já existentes, acreditamos uteis os adjunctorios particulares e o concurso das casas especialistas em geral. Contudo, antes que as obras sejam postas em circulação, de bom aviso seria fossem ellas cuidadosamente examinadas.

Pensamos devam estar as bibliothecas escolares sob á guarda dos alumnos das classes de 4.º anno.

12 — ALIMENTAÇÃO E HYGIENE.

São questões da mais alta importancia, e merecem reses cuidados da parte dos professores, pois a boa alimentação, baseada nos principios de hygiene, é a que torna o individuo saudavel, promovendo-lhe constante formação de cellulas, facilitando-lhe boa estrutura physica seguida de apreciavel desenvolvimento mental.

Logo, servindo-se cada professor da oportunidade que se lhe offereça, contando aos alumnos que os legumes e as verduras, zelosamente cuidadas nos quintaes, são as mais nutritivas e sadias, aconselhal-os-á o cultivo das hortaliças. Fal-os-á, tambem, certos de que assim agindo, contribuirão na economia do lar, beneficiando-se a si mesmos no seu bem-estar.

13 — PUERICULTURA.

As classes de 4.º anno feminino são geralmente formadas de meninas já bem desenvolvidas que, as mais das vezes, um ou dois annos apoz concluido o curso primario,

casam-se, ainda ignorantes dos conhecimentos necessários á gerencia de um lar. Ora, por rudimentares que sejam os ensinamentos produzidos em taes classes, essas jovens já levarão alguma bagagem de conhecimentos praticos de puericultura que as auxiliarão, na solução de serias difficuldades no desempenho da mais sublime de suas missões: — a direcção do lar.

14 — INSTITUIÇÕES PERI-ESCOLARES.

Afigura-se-me sejam, as caixas escolares, uma util instituição desde que seja ella mantida independentemente do curso dos alumnos.

Sabemos, o que aliás não padece duvidas, que entre creanças sempre surgem questiunculas que resultam em revides vexatorios do amor proprio. A creança que produz a contribuição em se pondo em contenda com a que percebe o adjectorio, é capaz de humilha-la, atirando-lhe insultos e mófas que a deprimam, abatendo-lhe a força moral, a base da boa formação do individuo que se quer util, socialmente falando.

As cooperativas são tambem instituição de grande utilidade. Sou, porém, mais propenso á installação de pequenas officinas de trabalho nos grupos escolares.

Deve ser levada a effeito, nas escolas, intensa propaganda acerca do trabalho e da grandeza do homem que produz o necessario para sua subsistencia, sem comtudo olvidar o proximo nas suas necessidades.

E, nessa propaganda, colloquem-se os professores em constante contacto com os alumnos, attendendo-os nas suas enfermidades. Tambem em beneficio dos alumnos desprovidos de recursos, operar uma intensa campanha dentaria, cuidando-se, sempre que possivel, da installação de gabinetes dentarios, a cargo de zelosos cirurgiões nomeados pelo Governo.

Eis ahi, no que fica exposto, o que com relação á circular da Directoria do Ensino, julga util e prudente, a directoria do 1.º Grupo Escolar desta cidade.

Baurá, 4 de Janeiro de 1936.

DIRECTORIA DO ENSINO

CIRCULARES

CIRCULAR N. 5

São Paulo, 22 de janeiro de 1936.

Senhor Delegado Regional do Ensino

Tendo sido autorizada pela circular n. 4, de 20 do corrente mez, em caracter facultativo e mediante a devida annuenciã do delegado regional do ensino, a organização, nos grupos escolares, de classes quanto possivel homogeneas, comunico-vos que, nas actas de exames e para fins estatísticos, devem figurar, para todas as classes e professoras, sem excepção, quer sejam de classes fracas, medias, fortes ou não seleccionadas, os numeros reaes de alumnos promovidos e de porcentagem de promoção, devendo-se declarar na acta de exame se a classe é fraca, média, forte ou não seleccionada.

Assim, o paragrapho 2.º do art. 4.º, do decreto n. 6.947, de 6 de Fevereiro de 1935 só tem effeito para o fim especial da formação dos pontos dos candidatos ao concurso de promoção e remoção.

Attenciosas saudações.

A. ALMEIDA JUNIOR
Director do Ensino